

Sonho de modernidade

JORNAL DE BRASÍLIA

Brasília está completando 31 anos. Troca de idade, diriam os cronistas sociais se estivessem tratando do aniversário de uma jovem senhora da sociedade. Não estamos muito longe disso. Se fosse uma mulher, sua biografia provavelmente refletiria o que sua história sedimenta. Filha da paixão entre a democracia e o desenvolvimentismo, a cidade nasceu na classe média, bela e culta. E sonhadora.

Como tantos brasileiros de sua idade, Brasília, hoje, tem uma vaga lembrança da crise familiar-nacional do início dos anos 60. Como os estudantes de então, passou por um sufoco, em 68. Com a futilidade dos adolescentes levados à alienação, atravessou a década de 70 vivendo além de suas posses, da mesma forma que o País, aliás, como se o dinheiro gasto generosamente depois de obtido junto ao mercado financeiro jamais tivesse que ser devolvido com juros. O casamento inconseqüente e de conveniência com o autoritarismo tecnocrático começou a ruir, mas faltou coragem e sobramos maus conselhos, e o rompimento não se efetuou, dando lugar a uma década perdida.

A redemocratização, as eleições diretas para Presidente e para governador e a emancipação acabaram chegando de forma tardia. Não aos 21 anos, mas já passando dos 30. Como não poderia deixar de ser, a Brasília que vive esta nova experiência já não tem a ingenuidade e o desprendimento dos jovens. Sofre, e tem consciência disso, de angústias e frustra-

ções compreensíveis. Haja terapia para elaborar tudo isso.

Nem só de sofrimento se constitui, entretanto, a vida de Brasília. À primeira vista é difícil compreendê-la. Parece fria e presunçosa. Só quem a conhece melhor chega a desfrutar de sua companhia e a perceber que, apesar das dificuldades, mantém-se generosa. Em vários pontos, percebem-se rugas precoces, mas a beleza de suas formas ainda chama a atenção. Desmentindo o que sugeriam os adversários de seus pais, ela tem uma personalidade marcante que seguramente será herdada por seus filhos — provavelmente a maioria das crianças que hoje brinca no Parque da Cidade, já que 41% dos habitantes do Distrito Federal nasceram neste pedaço do Planalto.

Valeu a pena? Não terá sido tudo uma utopia? É claro que valeu a pena. No cerrado brasileiro, como no Mar Português de Fernando Pessoa, tudo vale a pena se a alma não é pequena. Quanto à utopia, é sim uma utopia. O problema das utopias não é o fato de que não se concretizem, mas sim que cheguemos a não mais acreditar nelas. Ao contrário dos gregos, que deixaram de crer em seus deuses, os brasileiros não devem abdicar de seus sonhos. Se Brasília não é o que dela se esperava há 31 anos, isso não significa que tudo aquilo em que então se acreditava estivesse errado. O futuro está aberto, para Brasília e para os brasileiros.